



Apresentação

Relações de gênero e sexualidades nas escolas

A escola é um espaço privilegiado de formação e convívio de diferentes sujeitos, local onde se ensina e se aprende em meio a uma pluralidade de saberes e experiências. O debate sobre gênero e sexualidade nas escolas brasileiras não é novo e inédito, contudo, vemos crescer nos últimos anos um cerceamento de diversos pontos de vista que envolvem aspectos das políticas para a diversidade e a questão da diferença. Grupos e movimentos conservadores – como aqueles que defendem uma “escola sem partido” – correm por todo o país trazendo consigo uma agenda de combate à pluralidade em torno das discussões de gênero e sexualidade, privilegiando visões estritamente binárias, androcêntricas e LGBTI+fóbicas, como forma de combater uma suposta ameaça de destruição da ‘família tradicional’. O que se tem como resposta é a restrição de outras famílias e outros modos de existência. Esse é um movimento de reação ao crescente e consolidado campo das relações de gênero, sexualidade e educação que, desde a década de 1990, se mostrou potente para problematizar a educação como espaço de construção e desconstrução dos sujeitos nos seus pertencimentos de gênero e sexualidade.

Embora seja um movimento orquestrado para atacar o trabalho com as relações de gênero e sexualidades nas escolas, ele não tem conseguido diminuir as produções no campo da pesquisa, que tomam para si o trabalho com escolas como espaços de formação fundamentais para os sujeitos, tanto no que diz respeito à formação das subjetividades docentes quanto à formação das subjetividades de alunos e alunas. Embora, por vezes, algumas dessas iniciativas persecutórias consigam desencorajar algumas discussões nas escolas, esses ataques têm surtido também um efeito contrário, de maneira que podemos dizer que temos vivido uma proliferação discursiva em torno das relações de gênero e sexualidades nas escolas, assim como nos mostra Michel Foucault quando refuta a hipótese repressiva para pensar a história da sexualidade nos séculos XVII e XVIII. Em certa medida é desse movimento de problematização que este dossiê procura participar ao propor que autores e autoras possam produzir e compartilhar conhecimentos sobre o contexto atual no que se refere às discussões de gênero e

sexualidade na escola.

Se tomarmos, sob uma perspectiva foucaultiana, o ambiente escolar enquanto campo de disputa que tem como 'palco' diferentes relações de poder/saber, podemos também pensar que a escola é espaço para as resistências que agem de modo a problematizar tanto a normatização da dicotomia do gênero quanto o desprezo das sexualidades que se afastam da heterossexualidade, tomada como natural e compulsória. Nesse sentido, a Revista Instrumento, ao acatar esta proposta de dossiê, se coloca politicamente pela defesa da autonomia das temáticas de pesquisas, reconhecendo seu papel ao estar vinculada a uma proposta de escola comprometida com a relação entre ensino e pesquisa e com uma educação democrática que valoriza, respeita e investe na produção de conhecimento sobre as diversidades sexuais e de gêneros. A partir dessas ponderações, o presente dossiê se organiza em artigos vinculados a processos de pesquisa que tiveram como cenário o entrelaçamento das discussões sobre relações de gênero e sexualidades nos espaços escolares com vistas a privilegiar o debate sobre diversidade, pluralidade e diferença, nas suas diferentes perspectivas teórico-metodológicas.

Este dossiê, ao voltar seu foco para as relações de gênero e sexualidades nos espaços escolares, cumpre uma dupla função, quais sejam: divulgar os movimentos de pesquisa que estão se construindo nesses dias conturbados em que vivemos e, simultaneamente, se constituir como um espaço de resistência frente aos ataques cada vez mais frequentes que esse campo de pesquisa vem sofrendo. Os artigos que ora apresentamos trazem um entrelaçamento entre diversidade, relações de gênero, sexualidades e educação sob diferentes olhares, focos e perspectivas metodológicas.

Abrimos o dossiê com o artigo "Imaginarios en torno a los roles de género en la escuela". Um texto que discute os enquadramentos de gênero, tomando a realidade da Colômbia como foco de análise, o que nos convida a pensar que o binarismo de gênero e seus enquadramentos dizem de uma cultura contemporânea de organização social que atravessa fronteiras. Para tanto, os autores vão acionar a teoria do imaginário social, traçando articulações entre escola, família e meio social a partir dos resultados de uma ação realizada junto a jovens e suas perspectivas de vida, atravessadas pelas construções de gênero.

As questões da contemporaneidade também estão presentes no artigo "O desagendamento da educação para os corpos, gêneros e sexualidades: um projeto neoliberal, um arranjo neoconservador e as várias pedagogias fascistas", que nos provoca apontando uma série de desmontes que o campo das relações de gênero e sexualidade vem sofrendo na atualidade, sobretudo a partir do governo de Jair Bolsonaro. Um artigo que problematiza os efeitos dos retrocessos na agenda das discussões de gênero e sexualidade para a escola, para a formação docente, para a educação sexual. Mas o texto não se limita a

apontar os retrocessos, também se dedicando a pensar os desafios que temos pela frente no que diz respeito às políticas públicas e às discussões no campo das relações de gênero, sexualidade e educação. Assumindo uma perspectiva histórica, o texto se empodera desta perspectiva para traçar as rupturas, os avanços, a desaceleração e o desmonte que temos enfrentado a partir do conservadorismo e sua aposta no pânico moral através da “ideologia de gênero”.

Em seguida, somos provocados a pensar a precarização da escola pública que vem sendo construída ao longo das últimas décadas e que expõe as carências que o modelo educacional adotado no Brasil possui. A adoção por parte do governo de um discurso enaltecendo os valores militares, tais como a disciplina e a obediência à hierarquia como resposta aos problemas da educação pública é problematizada no artigo “Relações de gênero, sexualidades e militarização das escolas públicas: disciplina, vigilância e silenciamento”. Os autores trazem ao debate as formas como as relações de gênero se estabelecem nesses ambientes educativos militarizados, como se dá a vigilância dos corpos e as tentativas de normatização da sexualidade. A partir de notícias e propagandas e de entrevistas com indivíduos imersos nesses ambientes, os pesquisadores buscam analisar os silenciamentos produzidos pela militarização das escolas e a partir dessas análises desconstruir a ideia que o atual governo tenta nos impor de que a militarização é uma forma de ‘salvar’ a educação pública no Brasil.

A relação entre universidade e escola também é tomada como objeto de discussão no artigo “A importância das discussões sobre gêneros e sexualidades nas escolas: combatendo práticas conservadoras misóginas e LGBTifóbicas”. Os autores relatam e tecem análises sobre duas atividades vivenciadas junto a uma escola pública, em processos de pesquisa, com foco em discussões acerca das relações de gênero e sexualidades, gerando discussões que perpassam o conservadorismo religioso e as violências sexuais vividas por jovens. O artigo investe no argumento de que a escola deve estar aberta e dar maior atenção às experiências das/os estudantes, bem como apostar na formação docente nas mudanças nos currículos como forma de promover uma educação para a pluralidade.

O modelo de escola que prioriza a normatização dos corpos e procura silenciar as sexualidades, bastante presente nos dias atuais, é colocado em debate no texto “Entre desejos e tensões: grafismos no banheiro escolar como estratégias de controle e disciplinamento de corpos sexualizados”. Adotando como percurso metodológico a cartografia deleuziana e apoiados em um arcabouço teórico de inspiração foucaultiana, os autores analisam as práticas de grafites nos banheiros das escolas como formas de resistir às normatizações que tais espaços tentam impor às diferentes formas que os sujeitos têm de ser, existir e se relacionarem uns com os outros. Nesse artigo o espaço escolar é tratado de maneira mais ampla, para além dos limites das salas de aula e busca expor algumas maneiras de como ocorrem as transgressões às relações de poder e vigilância que são estabelecidas nesse ambiente.

O espaço escolar é novamente o foco do artigo “Você é homem ou mulher?”: desestabilizando certezas na figura de um mágico nas problematizações de professores homens na Educação Infantil”. Não qualquer espaço escolar, mas o espaço da Educação Infantil, um ambiente que ainda estranha a presença de professores homens, demonstrando que as masculinidades, nessa etapa da educação, parecem ser uma questão que desestabiliza os sentidos e enquadramentos dos gêneros. Os autores se debruçam na presença e nas falas de um professor-mágico que conta histórias para traçar questões problematizadoras advindas do movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil, evidenciando as disputas em torno da presença de professores homens e sua defesa no que diz respeito à formação docente e aos projetos de extensão.

A discussão anterior continua, uma vez que a naturalização da presença massiva de professoras mulheres no início do processo de escolarização é problematizada no artigo “A presença de professores homens nos anos iniciais: o cuidado e a feminização em questão”. Os autores discutem a concepção de cuidado que está associada à docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental e como essa característica está associada ao feminino. Apoiados em um arcabouço teórico-metodológico pós-estruturalista, inspirado em Foucault, os autores problematizam as relações entre docência e gênero a partir de uma pesquisa realizada com professores homens que atuam nos anos iniciais.

As relações entre a educação escolar e as experiências de violência sexual contra meninos são problematizadas no artigo “A violência sexual contra meninos e as discussões de gênero para o campo da educação escolar”. A pesquisa discute, a partir de pressupostos dos estudos de gênero e dos estudos foucaultianos, as características das violências sexuais contra meninos presentes em registros de boletins de ocorrência em uma cidade do interior do Mato Grosso do Sul. O artigo argumenta que esse debate ainda é incipiente no campo da educação e que a escola é um importante espaço de prevenção dessas violências quando se propõe a abordar discussões que atravessam questões de gênero, sexualidade, corpo e direitos humanos.

Em “Inventividades criativas de gênero e sexualidade em uma escola de Educação Infantil: espaços de resistência a partir de uma educação menor”, as autoras problematizam as estratégias de resistências construídas por uma escola para discutir com a comunidade escolar – crianças e suas famílias – a promoção da igualdade e da equidade de gênero e de sexualidade. A partir de três diferentes atividades construídas pela escola em parceria com a universidade, as autoras investem no debate sobre as possibilidades criativas inventadas pela equipe pedagógica para driblar os conservadorismos e produzir uma educação menor para a pluralidade.

Em “Educação em biologia menor: livros didáticos e redes possíveis de desterritorialização de

gêneros e sexualidades”, os autores traçam análise acerca das possibilidades curriculares no ensino de Biologia, especialmente a respeito do que esse campo tem tradicionalmente considerado e desconsiderado como foco do ensino. O debate sobre gênero e sexualidade para a disciplina escolar Biologia é tomado por um caminho outro, para além das visões heteronormativas que rondam currículos e práticas. Nesse sentido, o artigo lança mão de reflexões de Deleuze e Guattari para apresentar a potencialidade de uma educação em biologia menor, ancorada nas brechas, nas aberturas, nas fugas e nas rupturas como modos de resistências a uma tradicional educação em “Biologia Maior”. Assim, o artigo busca desvelar e tencionar estratégias curriculares possíveis e necessárias para um olhar para o outro e para a diferença, tão caro em tempos atuais.

O artigo “Faxineiras negras na escola e a (trans)formação de uma professora de História” toma como ponto de partida um encontro casual entre uma professora e duas faxineiras de uma instituição escolar e problematiza as condições de desigualdade que as permitem ocupar diferentes espaços na escola, especialmente durante um dia frio e sem estudante em função da pandemia de COVID-19. Através desse acontecimento, o artigo discute a presença das mulheres na escola através de marcadores raciais, sociais e econômicos, ponderando de maneira interseccional os espaços que elas podem se encontrar e exercer uma determinada profissão.

Encerrando o dossiê, temos o artigo “‘A informação nem sempre é a luz’: discursos de professoras sobre sexualidade e saúde após contato com artefatos culturais”. O artigo traça um diálogo entre pesquisas, pesquisadores e pesquisadoras, demonstrando que o tema da sexualidade e saúde é resultado de um campo de investigação que vem se renovando, incluindo o trabalho com os artefatos culturais. Um texto que tem como foco de investigação as professoras em formação para pensar os artefatos culturais como potencialidades para se problematizar as relações de gênero, sexualidade e educação.

Os Organizadores:

Felipe Bastos (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Anderson Ferrari (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Roney Polato de Castro (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Luiz Davi Mazzei (Universidade Federal Fluminense)